

HUSSERL E A EVOLUÇÃO¹

Husserl and Evolution

Husserl y la Evolución

Colin Wilson², Tommy Akira Goto (tradutor)³

Apresentação

Colin Wilson: um “Outsider” entre a Fenomenologia e o Existencialismo.

O nome de Colin Wilson (1931–2013) raramente figura nos compêndios tradicionais da filosofia acadêmica, apesar de possuir uma obra volumosa e vigorosa, cuja expressão inaugural acontece com a publicação de *The Outsider* (1956). Foi em meio ao panorama sombrio do pós-guerra europeu que aparece a voz singular de Colin Wilson: um jovem inglês autodidata, um filósofo e romancista existencialista, marginal aos círculos acadêmicos, mas visceralmente comprometido com a busca de sentido em um mundo que parecia ter perdido suas direções, cuja obra transitou com originalidade entre a literatura, a psicologia, a crítica cultural e a especulação filosófica. Escritor e *outsider* confesso, alcançou notoriedade ainda jovem com a publicação de *The Outsider* (1956) que não apenas revelou um pensador de rara intensidade, como também instaurou uma das mais inquietantes propostas existenciais da segunda metade do século XX: a ideia de que a crise moderna da consciência poderia ser superada não pela resignação, mas pela elevação interior, mística.

Wilson escreveu a partir de um lugar de urgência existencial, cujos personagens, análises e intuições nasceram da “experiência vivida”, ou seja, não de um gabinete literário e filosófico, mas de noites insones em bibliotecas públicas, de caminhadas solitárias, da observação dos gestos dos homens à beira do colapso. É por isso que sua obra, mais de cem livros publicados, ressoa com tanta força junto aos leitores que, como ele, sentem-se deslocados, estrangeiros, *outsiders*.

Pode-se dizer que em seu pensamento encontra-se um diálogo constante com os existencialistas J.P. Sartre, A. Camus, S.A. Kierkegaard, cujas inquietações acolhe, mas também contesta. Ao invés de fixar-se no absurdo ou na angústia como destinos últimos da existência, Wilson busca uma saída pela via “ampliação da consciência”, porque segundo pensa, o ser humano não está condenado ao vazio, diferentemente, está apenas adormecido. Por isso, o despertar é possível! Em seu livro *The*

¹ Publicado originalmente em “Existentially Speaking: Essays on the Philosophy of Literature (1989)” de Colin Wilson. San Bernardino: Borgo Press.

² 1931 – 2013.

³ Doutor em Psicologia (PUC Campinas). Professor (UFU). E-mail: tommyufu@gmail.com.

New Existentialism (1966), Wilson denominou sua filosofia de “novo existencialismo” ou mesmo um “existencialismo fenomenológico”. A motivação principal residiu na crítica que dirigiu ao existencialismo tradicional, representado por pensadores como Sartre, Camus e Heidegger, pelo pessimismo fundamental, a fixação na angústia, na contingência e na ideia de que a existência humana é, em última instância, absurda ou inútil. Para Wilson, esse existencialismo teria atingido um impasse histórico, tornando-se uma filosofia encerrada em si mesma, estéril em termos de desenvolvimento futuro. O novo existencialismo fenomenológico surge, então, como um esforço para resgatar a dimensão afirmativa e criativa da consciência, restituindo à filosofia a tarefa de revelar possibilidades de sentido e transcendência no próprio ato de existir. É nesse ponto que sua reflexão toca, por assim dizer, no espírito da Fenomenologia.

Ainda que não cite Edmund Husserl com frequência, Wilson parece intuir que a chave para uma existência/consciência mais plena está na forma como dirigimos nossa atenção ao mundo. A consciência, em sua visão, é como uma “lente” que pode se abrir ou se contrair, conforme o grau de presença com que habitamos a experiência. Essa “atenção ampliada” ecoa, de modo implícito, na ideia husserliana de intencionalidade, ou seja, no fato de que “toda consciência é sempre consciência de algo”. Diante disso, Wilson comenta que:

“[...] agora é possível ver o significado pleno da revolução de Husserl. Ele aponta que, se a filosofia se encontra em um beco sem saída, isso é simplesmente porque ela tem sido, até agora, uma medida pela metade — como a ciência. A ciência pode parecer expulsar o homem de seu mundo de provincianismo e pré-conceito; mas Husserl mostrou que os pré-conceitos do homem vão muito além de seu intelecto ou de suas emoções” (Wilson, 1966, p. 53).

Assim, seu conceito de *Faculty X* (Wilson, 1981), desenvolvido em obras posteriores, nomeia justamente essa capacidade de romper o automatismo da percepção cotidiana e seus pré-conceitos, a partir da ampliação da consciência. Seria, talvez, uma espécie de *epoché*, uma atitude de suspensão do “olhar habitual” do cotidiano que permite acessar outra camada da realidade, mais vívida, mais íntegra e mais real. A partir dessa perspectiva, Wilson não está apenas descrevendo uma experiência estético-literária ou mística, mas propondo um exercício fenomenológico radical: o “reaprender a ver”.

Nessa oportunidade, apresenta-se a tradução do texto “Husserl e a evolução”, no intuito de re-descobrir o pensamento de Colin Wilson precisamente porque sua obra expõe, de modo singular e intuitivo, certas inquietações centrais da Fenomenologia de Husserl que se mantêm até hoje presentes: a crítica à visão naturalista da experiência, a denúncia do empobrecimento da consciência cotidiana e a necessidade de um retorno ao vivido como fonte originária de sentido.

Nesse texto de Colin Wilson sobre Edmund Husserl tem-se uma introdução acessível e envolvente ao cerne da Fenomenologia, destacando com clareza e metáforas as motivações e os impasses que levaram Husserl a romper com o psicologismo e inaugurar uma nova via de investigação filosófica. Wilson revela com sensibilidade o percurso do filósofo desde suas preocupações iniciais com a matemática até seu mergulho na consciência como campo privilegiado de evidência originária. Nesse itinerário, o autor sublinha a radicalidade da *epoché* como gesto de

suspensão do mundo natural (consciência cotidiana), não em direção ao ceticismo, mas em permitir a eclosão de um novo modo de ver, fundado na intuição eidética e na análise rigorosa da experiência.

Em tempos marcados pela dispersão intelectual, pela aceleração das redes sociais e por uma crescente perda de enraizamento no mundo da vida (*Lebenswelt*), a proposta de Wilson de reintegrar o sujeito à sua potência de percepção, por meio de uma consciência ampliada, ressoa com o chamado husserliano do “voltar às coisas mesmas”, o exercício da *epoché*, o rigor da descrição intencional e à recuperação do mundo enquanto horizonte de significação.

Por fim, adverte-se que a exposição filosófica de Colin Wilson não é sistemática. Também não pretendia ser. O seu pensamento sempre foi movido mais por uma paixão vital pela vida que por uma estrutura conceitual rígida. Assume que lhe falta um rigor formal, porém sobra em autenticidade. Por isso, talvez, Wilson continue a ser uma figura à margem. Insisto nisso, não porque falte densidade ao seu pensamento, mas porque ele nos obriga a enfrentar uma pergunta que sempre se tenta evitar: *estamos vivendo no modo mais pleno de nossa possibilidade?* As suas respostas não visam um tratado, mas sim um chamado!

Referências

LACHMAN, G. **Beyond the Robot: The Life and Work of Colin Wilson**. New York: TarcherPerigee, 2016.

WILSON, C. **O Oculto**, Vol. I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

WILSON, C. **The new existentialism**. England: Wildwood House Ltd, 1966.

Tradução

Deve ter sido no início dos anos 1960 que fui visitar Sir Julian Huxley em sua casa na *Pond Street*, Hampstead. Na época, eu estava trabalhando em um livro chamado “Beyond the Outsider” – o sexto e último do meu “Ciclo do Outsider” – e, eu realmente queria perguntar a Huxley como ele podia ser o principal expoente vivo da evolução futura do homem e ainda se considerar um darwinista estrito. Expressada dessa forma, a pergunta pode não fazer muito sentido – afinal, não há contradição entre a evolução humana e o

darwinismo. Mas, como todos os admiradores de Huxley sabem, ele havia passado de uma forma bastante estreita de darwinismo – com ênfase nos fatores genéticos – para uma espécie de otimismo shaviano⁴ sobre o futuro do homem como o “diretor-gerente do universo”.

A explicação de Huxley foi mais ou menos esta: no passado, toda a evolução foi puramente “mecânica”, dominada pela necessidade bruta de sobrevivência; a natureza favorecia os fortes. Mas, o homem abriu uma nova fase na evolução. A sua mente desejou

⁴ Referente ao escritor George Bernard Shaw [nota do tradutor].

abraçar todo o universo; não por sobrevivência, mas pelo puro deleite do conhecimento por si só. Os animais são “conscientes”, mas apenas de seus corpos e do presente imediato; essa criatura extraordinária chamada homem se distingue por seu curioso desejo de escapar do presente, de dar a sua mente uma livre exploração de outros tempos e outros lugares – bem como de todo um mundo de abstrações que não existem no tempo e no espaço. Essa nova “dimensão” da consciência permitiu que ele olhasse para si mesmo de cima, por assim dizer, que se considerasse como uma criatura e se perguntasse como gostaria de evoluir. Ele é, potencialmente, pelo menos, “o controlador”.

E, como ele pode controlar sua própria evolução? Eu queria saber. Huxley mencionou a engenharia genética. Então ele disse algo que me intrigou e me animou. “Você já pensou sobre o significado do desenvolvimento da arte?” Achei difícil relacionar isso ao darwinismo ou à engenharia genética e pedi que ele se explicasse; mas ele se recusou a detalhar. “Pense nisso” foi tudo o que ele disse.

E, de tempos em tempos, tenho pensado nisso desde então.

A maneira mais simples de abordar todo esse tópico é falar sobre o trabalho de Edmund Husserl. Isso pode parecer supérfluo, já que existem tantos livros e artigos sobre ele; mas, por outro lado, a maioria dos “filósofos fenomenológicos” é seriamente prejudicada por seu *status* acadêmico e, suas avaliações duras e precisas, são frequentemente tão abstratas que só podem ser compreendidas por outros acadêmicos. Então, permita-me tentar uma declaração simples e direta dos objetivos e métodos de Husserl.

Quando um bebê abre os olhos, ele se encontra em um mundo que parece pertencer a outras pessoas. É um mundo cheio de dezenas de tipos diferentes de informação, desde quadrinhos infantis até a *Open University* na rádio e na TV. É um mundo que é evidente por si só, autossustentável, evidente em seu significado.

À medida que a criança cresce, ela faz a descoberta perturbadora que significados e valores tendem a flutuar. Uma mesa carregada de tortas de carne moída e gelatinas parece maravilhosa antes de uma festa; algumas horas depois, quando ela está miseravelmente enjoada, parece repugnante. Ela se sente traída.

Quando chega à adolescência, ela faz a interessante observação que os adultos não sabem tanto quanto gostam de fingir. Um político soa maravilhosamente conhecedor na televisão; então, ela ouve seu pai dizer que o homem é um completo idiota. E como, a essa altura, ela descobriu que seu pai também está sujeito a erros, isso parece introduzir um terrível elemento de ambiguidade em todo o universo. Se ela estuda filosofia no ensino médio, faz a descoberta ainda mais perturbadora de que as maiores mentes da raça humana frequentemente consideram umas às outras idiotas.

Começa a parecer que aquele mundo maravilhoso e objetivo de significados “lá fora” não existe mais. Tudo o que está “lá fora” são coisas, objetos. Mas os significados existem em nossas cabeças e são motivo de discussão e disputa. Talvez simplesmente não exista algo como a verdade. Talvez a vida humana seja completamente sem sentido e fútil.

Esse processo é apenas parcialmente intelectual. Eu o descrevi no nível intelectual para torná-lo mais claro. Mas algo análogo acontece até mesmo com pessoas muito estúpidas. Todos nós perdemos aquela visão original, infantil, de um mundo repleto de significados objetivos. A maioria das pessoas vive em um mundo completamente pessoal, com seus próprios problemas, suas próprias emoções e sensações, como se tivessem se selado dentro de uma espécie de bolha de vidro.

Intelectualmente falando, essa atitude começou a se expressar há quase três séculos na obra de Locke, e alcançou seu desenvolvimento filosófico mais completo em Hume e Berkeley. Com efeito, eles sugeriram que pode não haver significado “lá fora” – que tudo pode ser fornecido por nossos instintos e emoções. Keats disse que a beleza é a verdade e a verdade é a beleza – e, afinal, todos sabemos que a beleza está nos olhos de quem vê... Na época de Husserl – na última década do século XIX – essa atitude havia se tornado uma das premissas básicas da filosofia. E da psicologia. Havia uma tendência crescente dos filósofos de tentar responder às questões básicas da filosofia – de ética, metafísica, lógica – perguntando: “Como nossas mentes funcionam quando discutimos tais questões?” Isso ficou conhecido como Psicologismo.

Suspeito que Husserl, como Hegel, tenha começado a vida como poeta e místico, mais do que como filósofo. De qualquer forma, ele reagiu contra toda a posição “intelectualista” com um retorno ao que poderia ser chamado de Realismo Infantil. Para Husserl, o universo era o lugar grande, surpreendente e fascinante que era para Charles Dickens ou G. K. Chesterton. Por volta de 1900, Chesterton

estava declarando sua convicção que os estetas e filósofos haviam desvalorizado a existência e conseguido nos fazer perder de vista o quão maravilhoso o mundo realmente é. Mas Chesterton era visto como um bobo – e mais tarde, como um homem que se vendeu à Igreja Católica. Como um filósofo poderia afirmar tal visão – e afirmá-la de maneira que outros filósofos tivessem que levá-lo a sério? Husserl fez isso em dois volumes ponderosos de “Investigações Lógicas” – que apareceram no mesmo ano que o primeiro livro de Chesterton (1900) – nos quais ele argumentou simplesmente que a lógica não pode ser explicada ou definida em termos puramente psicológicos, porque a verdade lógica está fora da mente humana.

O que Husserl queria fazer era argumentar que todas as outras grandes questões filosóficas – ética, metafísica, religião – também estão fora da mente humana. Mas, como isso poderia ser feito? Pelo menos o psicologismo fornecia uma abordagem unificada para todas as formas de conhecimento, mesmo que, ao fazê-lo, as tornasse todas “relativas”. Seria possível produzir uma nova abordagem unificadora – alguma maneira de colocar questões metafísicas no mesmo nível das questões lógicas? Husserl voltou sua atenção para essa questão de método. E, infelizmente, ali ele ficou preso pelo resto da vida.

Mas, pelo menos, seu método era brilhante e original. Os “psicologistas” haviam dito que todos os dados da consciência são relativos, então, a verdade também é relativa. Husserl simplesmente apontou que isso não é bem verdade. É verdade que minha mente, minhas emoções, minha abordagem das coisas tendem a distorcer os dados, então eu posso

muito bem descrever alguém como feio quando o que quero dizer é que não gosto dele. De fato, posso até vê-lo como feio porque não gosto dele. Mas, disse Husserl, ainda há um nível de percepção primitiva, antes que essas distorções se insinuem. E, se eu me der ao trabalho, posso aprender a distinguir entre esse nível primitivo, esse nível puramente “receptivo” de consciência e meus pré-conceitos e pré-concepções posteriores. (Até a palavra “pré-concepção” reconhece a verdade da proposição básica de Husserl: que “concepções” podem se infiltrar ali em um nível subconsciente, então nem as notamos, como os óculos azuis de Kant.)

Husserl produziu uma proposição ainda mais surpreendente, que pode ser expressa grosseiramente assim: para ver qualquer coisa, você também tem que sentir algo sobre isso. Fealdade, beleza, etc., não são simplesmente uma adulteração de alguma percepção primitiva; elas são da mesma natureza que a percepção em si. Porque, para perceber, você não apenas abre os olhos. Você tem que buscar a percepção, como um pescador lançando a linha para um peixe, e depois puxá-la para dentro.

Isso instantaneamente introduz um elemento de confusão. Seria maravilhosamente simples se pudéssemos dizer: existem duas formas de percepção: (1) sentimentos – beleza e assim por diante – que são “intencionais” (“adicionados” por nós mesmos), e (2) alguma percepção primitiva que é não-intencional. Mas, se até mesmo a “percepção primitiva” é intencional, onde está nossa simplicidade? Os céticos disseram que Husserl havia se colocado de volta no dilema de Berkeley, de tornar “o mundo” tão dependente da “mente” que é impossível

traçar uma linha divisória. E, Husserl continuou a contornar o problema pelo resto da vida, fazendo o seu melhor para construir a base para sua filosofia não-relativa, e nunca conseguindo completá-la. Compreensivelmente, ele uma vez se descreveu como “alguém que teve a infelicidade de se apaixonar pela filosofia”.

Pessoalmente, não posso me dar ao luxo de ficar preso nesse problema – para começar, porque, se o fizesse, este artigo se tornaria tão longo quanto um livro. Então, deixe-me tentar resolvê-lo direta e grosseiramente, e espero que o resultado não escandalize muitos leitores com formação filosófica. Vamos sugerir que o mundo “lá fora” é real e que suas “relações” constituem uma rede que é exatamente análoga às relações da lógica ou dos números, ou seja, o “significado” realmente existe fora da minha mente, assim como as correntes elétricas existem independentemente dos voltímetros. Minha mente não é mais do que um voltímetro bastante imperfeito que ocasionalmente consegue se conectar à realidade de tal maneira que registra significados. Para perceber essa realidade, ela tem que “se estender” ou, para usar minha outra analogia, “se conectar” à corrente. Caso contrário, o voltímetro fica desconectado sobre a mesa, e nada acontece. Assim que a “conexão” ocorre, aí está sua “percepção primitiva”. No entanto, o voltímetro sou eu, ou seja, ele tem apetites, desejos e instintos, que são essenciais à sua constituição. Esses vão adicionar outro nível de “intencionalidade” à leitura. No entanto, não vamos desesperar. Afinal, eu geralmente sei – ou pelo menos suspeito – quando estou sendo pré-conceituoso. Então, como Husserl diz, com um pouco de esforço, posso aprender

a distinguir entre a percepção primitiva e minhas próprias distorções posteriores. Isso é a *epoché* de Husserl – ou “ato de retirada”, ou filtragem, ou como você preferir chamar. Dr. Johnson disse que queria ser um filósofo, mas a alegria continuava interferindo. Mas, em verdade, essa posição que eu delineei é bastante alegre. Ela supõe que o tipo de mundo que a criança vislumbra no Natal é uma visão muito diluída do que o é mundo real. E, claro, o próprio Husserl veio a reconhecer isso cada vez mais, embora nunca tenha conseguido justificá-lo intelectualmente. (O mesmo aconteceu com seu antigo discípulo Heidegger, o que explica o estranho fascínio pela filosofia de Heidegger). Isso quer dizer que Husserl reconheceu que a tarefa da filosofia não é simplesmente separar nossa percepção em faixas e alcançar a *epoché* ideal, mas reconhecer até que ponto elementos puramente negativos entraram em nossa percepção do universo e jogá-los fora. Devemos, diz Husserl (em uma parte não publicada de “A Crise na filosofia europeia”), estudar a intencionalidade em ação; o objetivo é abordar as “Mães” de Goethe, as “guardiãs das chaves do Ser”. E, a própria filosofia de Heidegger é baseada nessa percepção intensa de como desvalorizamos nossa experiência – “esquecimento da Existência” – e, como o mundo se torna incrível quando conseguimos parar de “esquecer” e desvalorizar.

Não posso fingir que minha descoberta de Husserl fez alguma grande diferença na minha própria abordagem da filosofia; ela simplesmente me fez perceber que eu já vinha seguindo suas recomendações toda a minha vida. Quer dizer, sempre fui obcecado pelas mudanças nos estados de nossa consciência e pela maneira como elas nos fazem alterar

nossa visão do mundo de dia para dia. Para o bem ou para o mal, fui treinado como cientista; isso está no meu sangue desde os dez anos de idade. Contudo, sempre aceitei que existe um mundo real “lá fora” e que mudanças na minha consciência (meu corpo, minhas emoções) distorcem isso. E, como sempre me interessei por literatura, também fui fascinado por observar como diferentes escritores “veem” o mundo. Se um marciano inteligente lesse Dickens, Trollope, Aldous Huxley, Graham Greene, Tolstói e G. K. Chesterton, provavelmente concluiria que eles vieram de seis planetas completamente diferentes. Como cientista, sinto a necessidade de reconciliar suas diferentes “visões de mundo” e sugerir uma que as abranja todas. Se a Fenomenologia é o estudo dos estados subjetivos, então sempre fui um fenomenólogo entusiasta. O entomologista estuda insetos, o lepidopterista estuda borboletas; eu estudo estados de consciência – os meus, claro, já que não tenho acesso aos de ninguém mais, exceto em segunda mão – e, e tento prendê-los ordenadamente em minhas vitrines.

Tentarei resumir meus resultados básicos, que – como será visto – nos levarão diretamente ao centro do tópico levantado por Sir Julian Huxley.

Podemos começar com uma observação puramente fisiológica. O olho, quando não tem nada interessante para olhar, tende a perder o foco. O mesmo acontece com a mente, como sabemos por experimentos de privação sensorial. Na verdade, você poderia dizer que a mente, deixada por conta própria, tende a colapsar sobre si mesma. Os fenômenos do hipnotismo são baseados nesse *insight*. Primeiro, a atenção do sujeito é “privada” (fazendo-o concentrar-se em algo

monótono) e, então, o sujeito torna-se completamente sugestível.

Isso chama nossa atenção para um aspecto importante da consciência, que posso expressar melhor em termos de metáfora. Quando fico entediado, tendo a “recuar” para dentro de mim mesmo. Você poderia imaginar meu “ser interior” como uma espécie de caverna com um longo e estreito corredor que leva à luz do sol. Quando estou animado e interessado pelas coisas que acontecem ao meu redor, venho e fico na porta da caverna. Se a conversa começa a me entediar, passeio de volta pelo corredor e observo as coisas “de lá de baixo”.

Agora, se eu der as costas ao mundo exterior e ficar bem na entrada do meu covil interior, o que percebo? Hume já nos disse. Pensamentos, sentimentos, impressões, emoções, julgamentos de valor.

Quando estou na porta da caverna, fascinado pela luz do sol e pelas cores, paro de fazer julgamentos; apenas “absorvo” – Keats chamou isso de “capacidade negativa”. Por outro lado, se acordo no meio da noite e fico pensando, estou no meu covil interior, cercado pelos meus móveis mentais. Este é um mundo bastante perigoso, porque se estou preocupado ou melancólico, minhas emoções podem ganhar um certo impulso negativo até que eu me sinta em pânico ou suicida. Torno-me vítima da minha própria subjetividade – da tendência da consciência de colapsar sobre si mesma. Preciso do mundo externo para continuar me lembrando que meus pressentimentos sombrios provavelmente são bobagem, e que a realidade é muito mais complexa e muito mais interessante do que essas fotografias simplificadas dela que guardo no arquivo no canto do meu covil.

Isso é o que Heidegger quis dizer com “esquecimento da existência”: essa tendência de esquecer o tamanho e a complexidade do mundo real e aceitar suas fotografias como substitutas.

Em verdade, a maioria de nós passa pouco tempo na porta da caverna ou no covil interior. Tendemos a vagar para cima e para baixo pelo corredor, onde há uma mistura livre de impressões do mundo externo e fotografias e julgamentos do mundo interior.

E, aqui reside um dos nossos problemas humanos mais básicos. Nos acostumamos com algum ponto favorito no meio do corredor, que nos dá uma visão clara (embora estreita) do mundo lá fora e nos permite acesso confortável e conveniente aos nossos arquivos – e, ao mundo dos sonhos e fantasias que vem de mexer nos arquivos. E, esse estado de coisas tem seu próprio perigo peculiar. Porque quando acordo do sono, pelo menos sei que estive dormindo, vivendo em um mundo de sonhos. Mas quando estou estabelecido no meu ponto favorito no corredor, não percebo que tenho um pé no mundo dos sonhos e que estou muito longe do “mundo real”, o mundo lá fora. Se estou em uma Sala Escura, submetido a uma privação sensorial total, logo começo a ter alucinações, devido a uma espécie de falta de oxigênio. Mas quando estou sentado confortavelmente no meio do meu túnel, não percebo que estou lentamente me envenenando com meu próprio dióxido de carbono e que minha consciência agora é uma mistura de “percepção” e alucinação. Afundo em um estado sombrio de desvalorização mais ou menos permanente e nem sequer estou ciente de que isso não é uma consciência objetiva genuína.

É importante perceber que não estou agora descrevendo algum estado semi-patológico, mas a chamada “consciência comum” na qual a maioria de nós passa a maior parte do tempo. A “consciência comum” é uma consciência desvalorizada. Isso é algo que todos os poetas e místicos sabem. O problema deles sempre foi como expressar isso em termos que signifiquem algo para o resto de nós, ou até para eles mesmos quando não estão mais em um estado de “intensidade”. Chesterton fala da sensação de “boas notícias absurdas”. Mas de que adianta isso, a menos que você possa dar alguma ideia do que são essas boas notícias?

Permita-me, neste ponto, antecipar uma objeção que será levantada por husserlianos ortodoxos: que o tipo de “descrição” que ofereci acima não constitui uma análise fenomenológica, mas que é apenas uma metáfora, que pode ser tão apropriada – ou não – quanto uma dúzia de outras. O fenomenólogo visa descrever seus estados internos em termos que possam ser reconhecidos como válidos por outras pessoas. O que ele está tentando fazer é apontar aspectos da consciência que geralmente são negligenciados.

Aqui, por exemplo, está um “experimento” simples em observação fenomenológica que qualquer um pode verificar. A maioria das pessoas, em algum momento de suas vidas, teve a experiência de deitar e fechar os olhos, e sentir o quarto “girar ao seu redor” – seja porque beberam demais, seja porque estão se sentindo mal. Considere isso mais de perto. Antes de se deitar, você pode estar se sentindo alegre, saudável e “presente”. Então, a sensação de

tontura ao fechar os olhos é o primeiro indício de que você bebeu mais do que percebeu.

Tente “comparar” os dois estados de consciência – antes e depois. Claro, deitar pode ter algo a ver com isso. Mas uma observação cuidadosa revelará que a verdadeira diferença é que, quando você se deita e fecha os olhos, você suspende um elemento da consciência que está presente quando você está sentado com os olhos abertos. Você desliga algo. O quê? O que está presente quando você está sentado, olhando ao seu redor? Um elemento de atenção, de captar o que está acontecendo. E, quanto à vontade? Parece uma palavra estranha para usar nesse contexto, porque “prestar atenção” não parece envolver nenhum esforço óbvio de vontade – fazemos isso tão “naturalmente”. No entanto, um pouco mais de reflexão não deixa dúvidas – na minha mente, pelo menos – que a razão pela qual você se sente tonto é que você desligou a vontade e, de repente, permitiu que o estômago enjoado ganhasse a vantagem. Enquanto você tinha os olhos abertos, talvez assistindo televisão, você pode não ter estado consciente de nenhum esforço de vontade, mas estava fazendo um certo esforço automático. Em resumo, você notou que a consciência é intencional (Há fenomenólogos que objetam que o termo “intencional” não envolve vontade, mas apenas “referência a um objeto”; por razões que tentarei explicar, não posso concordar). Novamente, todos nós observamos como, se estamos nos sentindo doentes e alguém diz algo que nos interessa, a doença desaparece. Se fizéssemos um esforço real para desejar que a doença fosse embora, poderia muito bem ter o efeito reverso. Contudo, o “interesse” causa uma contração dos sentidos – as forças vitais – que pode

dissipar a doença. Novamente, somos capazes de observar a “intencionalidade” em ação.

Esses exemplos podem não justificar minha análise descritiva do “mecanismo de desvalorização” da consciência cotidiana, mas pelo menos dão uma ideia de como cheguei a ela.

Eu disse acima que a natureza “desvalorizada” da consciência cotidiana é conhecida por todos os poetas e místicos. E aqui, parece-me, finalmente que fizemos contato com a questão de Huxley sobre o significado da arte como um fator no desenvolvimento humano. Não estou disposto a colocar muita ênfase no paralelo entre arte e misticismo – apenas porque o misticismo tem má fama entre cientistas e filósofos – mas, certamente é inegável que eles têm uma coisa em comum: a tendência de criar um efeito de estar de alguma forma “acima” da existência humana. Einstein fez a mesma observação quando disse de Planck, que ansiava por “escapar da vida pessoal para o mundo da percepção e do pensamento objetivos” (ecoando Husserl), e continuou: “Esse desejo pode ser comparado ao irresistível anseio do cidadão de escapar de seus arredores barulhentos e apertados para o silêncio das altas montanhas, onde o olhar vagueia livremente pelo ar puro e calmo e traça com carinho os contornos repousantes aparentemente construídos para a eternidade”. Wagner havia falado em termos semelhantes sobre o propósito da arte e seu poder de “nos elevar acima da existência humana” (É interessante ter o testemunho de Einstein – mais tarde explorado por Polanyi – de que arte e ciência são movidas por anseios idênticos). O que Einstein está dizendo – e o que foi observado por inúmeros poetas e artistas

românticos – é que a contemplação da arte, ou do universo, que é o domínio do cientista, parece produzir outro tipo de consciência. A consciência cotidiana é caracterizada por uma certa estreiteza e peso. Assim, por exemplo, reconhecemos o tédio e a fadiga como uma extensão de uma das qualidades básicas da consciência “normal”. Por outro lado, quando nos absorvemos nesse mundo da arte ou das ideias – pode ser por meio da música, da poesia ou da pintura, ou talvez por um livro como “Civilização” de Kenneth Clarke ou “A ascensão do Homem” de Bronowski, às vezes há uma sensação estranha, como de um balão que escapou de suas amarras e sobe no ar. Parece que expelimos um suspiro interior, a mente relaxa, da maneira que uma criança relaxa em um trem para o litoral e, parecemos contemplar vistas cada vez mais amplas – as montanhas de Einstein. Estamos contemplando algo como uma paisagem montanhosa interior.

Esse estado poderia ser comparado ao induzido por drogas ou álcool; mas, até onde sabemos, não há mudanças químicas no corpo. Tudo o que aconteceu, aparentemente, é que de alguma forma convencemos a mente subconsciente a abandonar sua obsessão neurótica normal com o presente e a permitir-se balançar em uma órbita mais ampla.

Embora a obra que induz esse sentimento possa ser ficção, há uma forte sensação de que estamos de alguma forma mais próximos da realidade. Há a sensação de estar “na porta da caverna”. O mundo que nos cerca parece um lugar mais interessante, cheio de possibilidades que são ignoradas pela “consciência comum”.

Em um de seus ensaios, Julian Huxley observou que a consciência humana representa uma nova dimensão da existência. Uma pedra apenas existe: é “unidimensional”. Um animal também está consciente de que existe; porém, sua consciência é estreita e opaca, pouco mais que um reflexo do presente: é “bidimensional”. O homem, disse Huxley, está consciente de que está consciente; ele tem uma terceira dimensão. Suspeito que, quando Huxley escreveu esse ensaio (“Man’s Place and Role in Nature” – de *New Bottles for New Wine*) nos anos 1950, ele não havia reconhecido plenamente que esse terceiro estágio, o “nível humano”, é encontrado mais frequentemente em associação com a arte (Ele fala disso como o “nível psicossocial”). Mas ele o reconheceu quando falou comigo no início dos anos sessenta.

Tudo isso levanta uma questão absorvente: em que ponto de sua evolução o homem começou a desenvolver – ou descobriu que possuía – essa faculdade de “flutuar” na nova dimensão? Obviamente, isso ocorreu em um estágio bastante tardio, quando ele desenvolveu o uso da linguagem. Por analogia com o que sabemos sobre a história humana, podemos supor que apareceu, em alguma época no passado, em um número de homens que desenvolveram uma habilidade excepcional para descrever eventos em linguagem. Podemos imaginar dois grupos de caçadores se encontrando ao redor da fogueira à noite. Um deles aponta para o magnífico bisão ou urso que arrastaram de volta ao acampamento e começa a descrever, com uma série de grunhidos e gestos, como o rastrearam até um desfiladeiro, bloquearam a saída distante com arbustos espinhosos e depois o expulsaram de sua caverna com fogo e

fumaça... A descrição pretende apenas transmitir informações; porém, os caçadores que realmente participaram da captura encontram-se ouvindo com a mesma absorção que o grupo que estava em outro lugar. Sem formular claramente o *insight*, eles percebem que a experiência “relembrada na tranquilidade”, enquanto roem um pedaço de carne de urso, pode ter uma intensidade maior do que a experiência vivida.

Eu até sugeri, em um livro sobre vinho, que a descoberta do álcool pode ter sido o ponto de virada na evolução humana, provavelmente por volta de 10.000 a.C. Mas, talvez essa visão coloque ênfase demais no elemento químico. De qualquer maneira, sabemos que o homem primitivo usava álcool e várias drogas – como o peiote – em cerimônias religiosas; claramente, ele sentia que esses estados “flutuantes” estavam aliados ao divino. E, pode ter sido muitos milênios depois que ele reconheceu claramente que a arte pode produzir o mesmo efeito sem o uso de produtos químicos; apenas um menestrel cego dedilhando sua harpa primitiva enquanto canta sobre batalhas. Mais de mil anos ou mais se passaram; o homem aprendeu a preservar as histórias de batalha escrevendo-as em peles de animais ou em folhas. E assim, quase despercebido, a tremenda revolução aconteceu. Porque como você poderia transmitir a um animal – mesmo que ele tivesse a compreensão – que um homem poderia sentar e ler sinais em um pedaço de pele seca e induzir um estado mental semelhante ao produzido por drogas ou álcool? Simplesmente estaria além de sua compreensão. Em verdade, expresso dessa maneira, tenho que admitir que está quase além da minha.

Mais de três mil anos passam e nos encontramos em meados do século XVIII. Meia dúzia de homens de gênio, incluindo Richardson, Rousseau e Goethe, inventam a forma que conhecemos como o romance moderno. A Revolução Francesa e a Era Romântica chegam simultaneamente. Poetas como Coleridge, Schiller, Novalis, Hölderlin declaram que a “consciência cotidiana” – mera consciência animal – é intolerável. Se não puderem passar muito mais de suas vidas na “consciência flutuante”, não desejam viver de forma alguma. E, a taxa de mortalidade precoce entre os poetas e artistas da Era Romântica é surpreendentemente alta.

Grande parte do meu próprio trabalho, começando com *The Outsider*, explorou esse fenômeno: a rejeição romântica do mundo, a demanda por uma forma superior de consciência. No entanto, quando Huxley me falou sobre o significado da arte na evolução do homem, eu inicialmente não entendi o que ele queria dizer. Por quê? Porque, acho, foi inesperado vindo dele. Se o mesmo comentário tivesse sido feito por um filósofo existencialista – como Sartre – ou um historiador da arte – como Gombrich – eu teria sentido que entendi imediatamente. O fato de ter sido Huxley me fez pensar que ele estava se referindo ao significado biológico da arte. Outra leitura de seu ensaio sobre “Man’s Place and Role in Nature” me fez ver que isso era absurdo; a arte não existe no nível biológico. Isso também me fez ver que um biólogo está, em verdade, mais qualificado para compreender o significado da arte que um filósofo ou um historiador da arte. De seu ponto de vista científico e desapegado, ele é capaz de captar a pura estranheza desse

fenômeno que chamamos de arte e da forma de consciência que ela busca espelhar.

Mas se eu terminar este ensaio neste ponto, isso implicará que sinto que o homem pode deixar com segurança sua evolução futura nas mãos da faculdade artística. Mas e quanto ao “estudo da intencionalidade em ação” de Husserl?

Em seu livro sobre o “Movimento Fenomenológico”, Herbert Spiegelberg cita Max Scheler, que comentou com Husserl em 1905 que sentia que “o que era dado à nossa intuição era originalmente muito mais rico em conteúdo que o que poderia ser explicado por elementos sensoriais, por seus derivados e por padrões lógicos de unificação”. Aqui estamos de volta ao *insight* fundamental de Chesterton (O filósofo cético, claro, descartaria as “boas notícias absurdas” de Chesterton em termos de elementos sensoriais – argumentando que é apenas o resultado de uma boa digestão, etc.). Scheler está dizendo o que Husserl disse (no tomo II das “Investigações Lógicas”): que se você puder realmente compreender a percepção primária antes que nosso mecanismo de filtragem comece a trabalhar nela, o resultado será surpreendentemente rico e encantador.

Todo mundo experimenta isso pelo menos uma vez por semana: a sensação de “manhã de primavera”. Normalmente, estamos ocupados conceituando nossa experiência, mais ou menos como uma anfitriã contando seus convidados e, por enquanto, tratando-os como meros números. Isso é tão automático que achamos difícil parar de fazer isso. Então, o que acontece quando paramos?

A metáfora da anfitriã sugere a resposta. Normalmente, poucas coisas a distrairão, mas se um garçom sussurrar em seu ouvido, ela o

afastará e continuará contando em voz baixa. Mas, se o próximo convidado for um velho amigo que ela não vê há anos, ou alguém a quem ela deve um débito de gratidão, ela parará de contar e sorrirá em boas-vindas.

Se experiencio uma súbita sensação de alívio, encontro-me fazendo a mesma coisa: de repente olhando para as coisas com *gratidão*. Edmund Wilson falou do impacto básico da boa literatura como o “choque do reconhecimento”. Por que um choque? Porque isso nos faz perceber algo que havíamos esquecido – que nosso estado “normal” de consciência é tão diferente da “consciência real” quanto o leite desidratado é diferente do leite direto da vaca. Não é apenas rarefeito e filtrado, mas também *reconstituído*. Este é o cerne da filosofia de Husserl, seu reconhecimento básico.

A arte pode produzir o “choque do reconhecimento”, mas a filosofia deve assumir a partir daí. Husserl dedicou sua vida a tentar descobrir como a mente reprocessa a percepção primária até que ela tenha sido domesticada em “consciência cotidiana”. Essa foi uma abordagem importante e frutífera, mas foi apenas um primeiro passo. Uma vez que entendemos que a “consciência cotidiana” (que Husserl chamou de “atitude natural”) não é a coisa real, estamos na importante posição de estarmos prontos para tentar ver além dela, para afastá-la em favor da “percepção primária”. Porque, embora o processo de “domesticação” seja importante para a evolução humana – poderia ser comparado a arar a terra – o processo de revitalização ou fertilização é igualmente importante. Isso só pode ser feito tentando voltar às “coisas mesmas” e reconhecendo que elas são sempre

mais ricas e complexas do que nossa percepção “domesticada” pode entender.

E aqui, penso eu, está o significado básico do *insight* de Huxley. É completamente natural para nós pensarmos na “atitude natural” – a consciência cotidiana – como sendo idêntico à consciência em si. No entanto, a consciência mostra uma estranha capacidade de se estender em novas dimensões, ou seja, de desenvolver novos níveis de controle sobre si mesma. Ela aprendeu a fazer isso – instintivamente, por assim dizer – por meio da arte. O próximo passo é claro. O próprio instinto deve se tornar “consciente”. Devemos desenvolver um nível de consciência que seja capaz de desmascarar a consciência cotidiana como uma mentirosa, ou pelo menos, uma impostora inofensiva. Precisamos de um instinto – ou um hábito – que nos leve a rejeitar constantemente o mundo apresentado a nós pela consciência cotidiana – como um homem tentando fazer um buraco em um pedaço de cenário teatral. Esse instinto – ou hábito – só pode ser adquirido pela prática constante da análise fenomenológica. Quanto ao objetivo – quer o chamemos de “descobrir os segredos do Ego Transcendental” ou de esforçar-nos “para abordar as Guardiãs das Chaves do Ser” – isso pouco nos concerne na presente etapa. Isso só nos interessará quando possuímos consciência real.